

**Na pegação: encontros homoeróticos
masculinos em Juiz de Fora de Verlan
Valle Gaspar Neto**

Resenha do livro: **GASPAR NETO, Verlan Valle.**
**Na pegação: encontros homoeróticos em Juiz
de Fora. 1.ed. Niterói: Editora da UFF, 2014,**
191p.

Diego Alano de Jesus Pereira Pinheiro
Mestrando em Antropologia - PPGA/UFPB
alanodiego@hotmail.com

Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora de Verllan Valle Gaspar Neto

O livro é resultado da dissertação de mestrado de Verllan Valle Gaspar Neto, defendida no ano de 2008 na UFF. Graduado em Ciências Sociais, mestre e doutor em antropologia pela Universidade Federal do Fluminense (UFF). Atualmente o autor é professor da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). O livro então intitulado *Na Pegação: Encontros Homoeróticos Masculinos em Juiz de Fora*, traz a natureza das reações eróticas rápidas e anônimas entre homens em espaços de uso coletivo de uma cidade de médio porte do Estado de Minas Gerais. A investigação etnográfica dá-se pela busca da compreensão antropológica ao universo da *pegação*, categoria comumente usada no meio *gay* para designar modalidades interativas como o voyeurismo, exibicionismo, masturbação mútua ou não, sexo oral ou anal, dentre outras.

O Prefácio é assinado pelo professor da UFSC Hélio R. S. Silva, que situa a presente literatura na mesma linhagem inaugurada por João Silvério Trevisan com *Devassos do Paraíso* e passando por *O Negócio de Michê*, de Nestor Perlongher. Segundo Silva, o pesquisador conseguiu virar Juiz de Fora do avesso, investigando um circuito festivo-turístico reconhecido, trazendo *O mundo da pegação* à luz da antropologia. Elucidando a não domesticação da sexualidade, buscando a compreensão de um grupo social que provoca a própria sociedade em que vivem. Assim, “o livro de Verllan Vale é a voz possível” (2014, p.15) finaliza Hélio Silva.

Durante os prolegômenos, Gaspar Neto apresenta seu interesse por estudar a temática, justificando que a etnografia corrobora com alguns questionamentos pessoais a respeito, um deles compreender o porquê a cidade de Juiz de Fora é considerada turisticamente como uma cidade *gay*. De tal modo, assim como pesquisadores estudam temas por sua relevância acadêmica, outros por simpatias pessoais ou ainda, por se solidarizar com o grupo estudado. Nesse sentido, o autor também compartilha da vontade de saber e entender as pessoas através da dimensão sexual, além de ser motivado pelo que chama de “atração erótica envolvendo pessoas do mesmo sexo” (p.19), pois para ele as relações homoeróticas, ainda hoje, são vistas como estigmatizadas e um tanto quanto fora do lugar.

Inspirado em Mariza Peirano (2008), afirma que a etnografia como método pode propiciar uma oportunidade ímpar de vivenciar as teorias apreendidas como reformular novas proposições intelectuais. Para a realização da investigação, o pesquisador frequentou espaços de homossociabilidade em Juiz de Fora, tal como

banheiros públicos (masculinos), um cinema de filme pornográfico, dois parques e uma sauna. Para a construção dos dados, realizou entrevistas, conversas e observações nos espaços supracitados entre os anos de 2005 e 2007. No total, foram 17 entrevistas em profundidade registradas e algumas dezenas de conversas informais, algumas destas com aparelho de gravação, outras com caderno de campo; o instrumento variava de acordo com a preferência do interlocutor; afinal, a sexualidade é parte da intimidade de qualquer pessoa, assim o pesquisador adquiria a confiança dos envolvidos e obteve êxito na produção dos dados. No arcabouço teórico no âmbito do gênero e sexualidade, Gaspar Neto tem como referências Michel Foucault (1985, 1988 e 1994), Peter Fry (1982), Luis Mott (2006), Michael Pollak (1990), entre outros.

O livro divide-se em sete capítulos. O primeiro intitula-se *Sobre a Apropriação de Espaços de Uso Coletivo e a Constituição de Blocos Espaço-Temporais*. Neste, descreve como fora sua inserção *in loco*; quando estava no centro de Juiz de Fora, necessitou ir ao banheiro público, quando foi abordado dentro da sua cabine por outro homem, sem entender na hora, saiu da cabine assustado por conta da situação, acreditando ser uma tentativa de assalto. Ao sair, percebe outro homem no mictório com o pênis à mostra, acenando para ele. Após o estranhamento deste código, foi possível realizar reflexões a respeito. O banheiro que é um espaço utilizado para a satisfação de necessidades fisiológicas, havia sido apropriado para outras finalidades. Assim, um processo de desterritorialização (DELEUZE; GUATARI, 1996). De tal maneira, os blocos espaço-temporais constituem a ideia de uma nova espacialidade que une experiências distintas de forma qualitativa, não sendo possível a mensuração quantitativa da relação estabelecida pelos agentes sociais num determinado tempo e espaço, isto é, o tempo social, fisiológico e sociológico variam, e através da percepção interior de cada sujeito manifestam-se as suas vivências qualitativamente.

No segundo capítulo denominado *Os Banheiros*, Gaspar Neto delimita sua pesquisa em dois banheiros, sendo eles públicos situados no centro de Juiz de Fora. Um deles chamado de Central e o outro Branco, mas em prédios diferentes. O segundo, com o nome fictício, funcionaria, como uma espécie de triagem para possíveis encontros no banheiro Central, que apesar de grandes inspeções dos funcionários, não impediam a *pegação* entre os homens, e que tinha seu ápice entre às 17 e 19 horas (horário da saída de quem trabalha nas proximidades), podendo chegar numa quantidade de quinze a vinte homens. Vale ressaltar, que os homens envolvidos não compartilham de uma mesma

Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora de Verlan Valle Gaspar Neto

identidade homossexual, constituindo de um grupo minoritário com homens que se autodeclararam *gays* e outros casados com mulheres, mas com interesses de satisfação e prazer com outros homens. Além disso, neste ponto é possível compreender o sistema de códigos e regras que são desenvolvidos para a consumação da *pegação*, incluindo ainda em sua análise as *técnicas do corpo* (MAUSS, 2003) e estratégias para a sua efetivação.

No capítulo três é designado *O Cine São Luiz*, o autor analisa um cinema localizado na Praça da Estação, hoje tombado. O funcionamento do estabelecimento iniciou em 1958, mas em 1980 passou a exibir somente filmes pornô. Segundo os funcionários mais antigos, inicialmente eram exibidos filmes pornográficos franceses, depois com a instalação de vídeo cassetes, o cinema começa a exibição também de filmes nacionais e americanos. O cine possuía 448 lugares, divididos em duas alas de 28 fileiras com 8 poltronas cada. O cine tinha quem o frequentasse diariamente, não tendo um horário de pico, entretanto mais frequentado entre o dia primeiro e o dia dez de cada mês. Diferente dos banheiros, o cinema não precisa de códigos para identificar se o outro homem pratica relações homoeróticas, pois estando presente naquele espaço, torna-se evidente. Entretanto existe o processo de conquista entre os dois sujeitos para legitimar o interesse na *pegação*. Em 2007 sem motivos divulgados, acontece o fechamento do Cine São Luiz, nos jornais o que chama atenção do pesquisador, é a referência da importância do cinema somente nos anos de 1960 e 70, os anos posteriores não são mencionados, ou ainda, não há qualquer alusão ao contexto pornográfico.

O quarto capítulo do livro intitulado *Os Parques* apresenta dois espaços: O Parque do Museu Mariano Procópio, no bairro do mesmo nome e o Parque Ecológico da Lajinha. Mais uma vez, o autor demonstra etnograficamente que os parques são outros lugares para a sociabilidade homoerótica; segundo ele é comum deparar-se com cenas de masturbação entre homens nas trilhas dos parques. O sistema de códigos também está presente neste contexto na busca de um parceiro para a *pegação*, tal como o encarar (olhar fixamente para o outro homem), passar as mãos nos órgãos, isso de forma sutil, que somente entende quem compreende tais códigos, caso haja o desinteresse pelo outro sujeito, este deve desviar o olhar. Gaspar Neto então apresenta uma tabela com perguntas e respostas possíveis e comuns para abordagem entre os interlocutores, como: “Tá de bobeira?” ou “Procurando alguma coisa?”. Se a paquera resultar numa aproximação e interesse mútuo, ambos buscarão um lugar no parque para *brincar*. Brincar neste caso é uma categoria nativa sinônima de *pegação*. Gaspar Neto apresenta

durante o livro expressões comuns neste processo de conquista, como “Tá a fim de uma brincadeira?” (p.112). Há também nativos que preferem deixar claro que estão interessados na masturbação ou somente pela felação. Mas, claro que junto disto está inserida uma breve seleção pessoal de gosto ao corpo alheio e a certeza de que o anonimato prevalecerá. Ou seja, não há pretensão de repetir o ato com o mesmo sujeito na *pegação* ou de identificar-se, esta relação dá-se pela fluidez e pelo sigilo.

O quinto capítulo é apresentado como *A Sauna Salamandra*, indicada por um dos principais interlocutores do pesquisador, este nativo por sua vez chamado ficticiamente de Molibdênio, frequentava todos os outros espaços para *pegação*. Entretanto, apesar de ter citado a sauna neste trabalho, Gaspar Neto explica que este ambiente funciona diferentemente dos outros *pontos de pegação* para confirmar sua ponderação, ele aponta diversos dados etnográficos. Isto é, primeiramente o local não pode ser considerado *gay*, pois heterossexuais também os frequenta para usufruir dos serviços prestados. A Sauna Salamandra é um prédio de dois andares que dispõe de saunas a vapor e a seco, um vestiário, um banheiro coletivo para banho com chuveiros e um grande salão com cadeiras para descanso e televisão. No primeiro pavimento permaneciam os homens que não tinham interesse em relações homoeróticas, ficavam conversando entre si, barbeando-se, lendo jornais e vendo TV. No entanto, no segundo pavimento onde localizava-se a sala de massagem e um pequeno quarto de descanso (onde ocorria as relações homoeróticas). Neste quarto, que deveria permanecer no escuro, acontecia sexo com até oito pessoas, na perspectiva dos nativos essa forma coletiva de sexo é categorizada como orgia. Um detalhe importante: Os homens que frequentavam a sauna com intuito erótico, agendavam entre si o dia e hora para ir ao estabelecimento, assim havia uma interlocução prévia. Em resumo, a sociabilidade erótica nessa sauna é dada pelos seguintes aspectos: O coeficiente de anonimato é baixo e as interações eram bastante demoradas (porque não envolvia apenas as relações sexuais, mas também conversa antes e após a orgia).

No sexto capítulo *O Desejo Homoerótico: Entre o Social e o Inato*, Gaspar Neto percebe que os nativos contribuíam com a pesquisa, acreditando que o pesquisador os ajudaria a compreender suas inquietações, isto é, os motivos que os levavam a ter desejos sexuais por outros homens. Constituindo-se de um capítulo mais teórico, o autor discute *o essencialismo versus construtivismo*, para discutir o *essencialismo* é citado Maria Luiza Heilborn e Elaine Brandão (1999), esta categoria analítica viceja a comunicação da natureza

Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora de Verlan Valle Gaspar Neto

humana, a sexualidade ora é resultado de um mecanismo fisiológico, ora de ordem psíquica. Já a respeito da perspectiva do *construtivismo*, a sexualidade seria do âmbito cultural, segundo Carole Vance (1995) não havendo apenas uma sexualidade, mas sim várias em que a cultura modelaria as identidades sexuais. De tal modo, o autor não demonstra sua posição em escolher uma perspectiva, acredita que ambas estão intrinsicamente ligadas ao homem; e várias pesquisas das mais diferentes áreas foram e são realizadas para responder estes questionamentos como o que é inato e o que é social. Além disto, a subjetividade do homem é dinâmica, e os pensamentos ao longo da vida são alterados por influências socioculturais, ou até mesmo biológicas.

O sétimo capítulo do livro, é intitulado *Último Minuto*. O trabalho de campo do pesquisador já havia sido finalizado, quando ocorre um embate público entre representantes de segmentos evangélicos e defensores locais dos direitos LGBT em 2007 na Câmara Municipal de Juiz Fora, que visava incluir no calendário oficial da cidade O Rainbow Fest, a Parada do Orgulho e da Cidadania LGBT e o Miss Brasil Gay. Esse embate entre as duas representatividades elucidou que política, religião e sexualidade, a possibilidade de encontrar religiões propositalmente *profanadas* pela política, agente políticos supostamente investidos de poderes *sagrados* e morais, e minorias sexuais aossadas pelo puro preconceito, embora também não menos preconceituosos. Os eventos supracitados que fariam parte do calendário da cidade, segundo o autor, geram economia para a cidade, e atraem as famílias que vão assistir como um evento de entretenimento, além de atrair turistas anualmente. Este último capítulo, apesar de não muito aprofundado, evidencia aspectos gerais de interesses de se institucionalizar Juiz Fora enquanto uma *capital gay*, como é frequentemente conhecida.

Após a leitura do livro, algumas reflexões me circundavam. Vale frisar, a contribuição desta literatura com pesquisas envolvendo gênero e sexualidade em contextos não metropolitanos. Outro ponto interessante é pensar gênero e sexualidade dialogando de forma interdisciplinar com a antropologia urbana, entretanto, senti a necessidade de um arcabouço teórico que abrangesse este último aspecto. Como por exemplo, explanando como a cosmologia da cidade influência a grafia corporal e sexual, diferentemente da área rural. Além disso, cada espaço estudado poderia ser investido um aprofundamento com pesquisas específicas para cada campo, e com dados mais densos, sem abster-se do diálogo com *o estar na cidade*.

Concluindo, o livro pode inspirar quem se interessa em estudar sexualidade, masculinidades e gênero. No aspecto metodológico, o pesquisador situa-se e demonstra sua inserção e percepção no campo em todos os espaços apreendidos, além da riqueza etnográfica com a instrumentalização do modo polifônico, o texto é facilmente compreensível e instigante para novos desdobramentos.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolmir. Rio de Janeiro: 34, 1996;

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 1985;

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 11 ed. Trad. Maria da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 1988;

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 7 ed. Trad. Maria da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 1994;

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982;

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. Ciências Sociais e sexualidade. In: **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999;

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003;

MOTT, Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.14, n.2, 2006;

PEIRANO, Mariza. G. S. **A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil**. Brasília, 1999. (Série Antropologia, 255);

POLLAK, Michel. **Os Homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. Tradução de Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade, 1990;

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**, v.5, n.1, p. 7-31, 1995.